

A DIALOGIA DA CASA GRELHA

Luiza Anielli Soares¹; Adrielly Ferreira da Cruz²; Juliana Cavalini Martins³;

¹Aluna de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
luiza_anielli@hotmail.com;

²Aluna de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
adriellyferreiracruz@gmail.com;

³Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
juli.cavalini@gmail.com

Grupo de trabalho: ARQUITETURA E URBANISMO

Palavras-chave: arquitetura dialógica, meio ambiente, projeto

Introdução: Esta pesquisa permite uma discussão acerca dos aspectos que compõem uma arquitetura dialógica. Arquitetura como conceito pode ser abordada e definida sob os aspectos da forma, função, espaço, materiais e escala, porém, para Zevi (1996, p. 28), dentre tais aspectos, “o substantivo mais latente e importante, e que difere a arquitetura de outras artes, ou da mera construção, é o espaço”. Não se pode pensar que a experiência espacial arquitetônica só é possível no interior de um edifício, ou seja, que o espaço urbanístico praticamente não existe ou não tem valor, ao contrário, a experiência espacial própria da arquitetura prolonga-se na cidade, no campo, no bairro, nas ruas, nas praças, nos parques, etc (ZEVI, 1996). Sobre a Dialogia, Zúquete (2000) trata como sendo a relação entre o projeto, e o seu contexto. Unindo a arquitetura e a Dialogia, temos a Arquitetura Dialógica, onde Muntañola (2006) cita que é o contexto (o lugar, o entorno) que estimula a configuração do edifício. Tais estímulos são as características que o lugar apresenta como partido arquitetônico para a construção de uma obra. O edifício, estimulado pelo seu entorno, gera uma resposta que corresponde à forma arquitetônica, portanto, o importante não é a leitura do edifício como objeto único e isolado, mas o diálogo que possa existir entre ele e o seu entorno. Dessa forma, o diálogo é o resultado final da obra. O estudo de caso apresentado é a Casa Grelha, localizada na Serra da Mantiqueira no Estado de São Paulo, projetada em 2005 pelo escritório FGMF Arquitetos e construída em 2007. Segundo Vitruvius (2018), este projeto é diferenciado por ser implantado dentro de uma área de 22 alqueires, em uma clareira onde a mata virgem se abre e afloram grandes pedras cercadas de araucárias, a casa suspensa sobre o vale e fundida nos morros, se transforma em terreno e o terreno em casa, construindo uma nova paisagem, respeitando a mata nativa.



Ambiência da Casa Grelha

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-18458/casa-grelha-fgmf/574552f5e58ece0d2800000c-casa-grelha-fgmf-foto>



Construção da Casa Grelha

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-18458/casa-grelha-fgmf/574552f5e58ece0d2800000c-casa-grelha-fgmf-foto>

Objetivos: Avaliar as características que promovem diálogo entre o projeto e o meio em que está construído e observar no usuário a sua percepção em relação a dialogia arquitetônica.

Relevância do Estudo: Com base no conceito de dialogia nota-se que os aspectos paisagísticos e sociais também foram considerados na elaboração do projeto da Casa Grelha. Este estudo tem como intuito tornar o conceito de arquitetura dialógica mais evidente aos olhos do usuário, já que este tema ainda é pouco estudado no Brasil.

Materiais e métodos: Foi realizada uma pesquisa qualitativa e uma análise comparativa com o intuito de buscar informações sobre a percepção e o conhecimento da população a respeito da dialogia. Dessa maneira, utilizando as redes sociais como uma ferramenta para desenvolver uma enquete com os usuários, procurou-se estabelecer uma opinião geral sobre o tema abordado.

Resultados e discussões: O resultado desta enquete mostra que as pessoas ainda preferem uma arquitetura tradicional quando comparada com construções dialógicas, mostrando que os aspectos ambientais e sociais ainda são desconhecidos ou desconsiderados pela maioria da população. Ao longo da pesquisa foram entrevistadas 63 pessoas, 32 delas escolheram uma casa tradicional, por conta de sua estética e por estar localizada no meio urbano. Em contraponto, o restante optou pela Casa Grelha pela razão de estar conectada com natureza, e trazer uma sensação de tranquilidade e harmonia. Um dos motivos desse resultado é o desinteresse das pessoas em morar em lugares onde a natureza predomina, preferindo centros urbanos pelas facilidades que eles lhes propõem. Outro aspecto apontado é fato da arquitetura dialógica ainda ser um campo desconhecido pela sociedade e até por profissionais da área. Acredita-se que o ser humano não precisa retroceder para construir de forma sustentável, ao contrário, a busca pela sustentabilidade é um potencial para o futuro em todas as áreas. Nesta linha de raciocínio evidencia-se que a arquitetura dialógica é um caminho em potencial a ser seguido, para que no futuro possam existir edificações que dialoguem, ou seja, respeitem o meio ambiente.

Conclusão: Com a análise, foi possível compreender um pouco mais sobre a arquitetura dialógica e seus aspectos em um projeto, identificando também no usuário que este tema é ainda desconhecido, devendo ser ainda explorado e estudado.

Referências

FORTES, Fernando; GIMENES, Lourenco; FERRAZ, Rodrigo Marcondes (Org.). **092.01**

Crítica: Casa Grelha No sopé da Serra da Mantiqueira. 2008. Elaborado por revista Vitruvius. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/08.092/2918>>. Acesso em: 27 set. 2018.

MUNTAÑOLA, Josep. **Hacia una aproximación dialógica a la arquitectura contemporánea.** In Revista Architectonics, Mind, Land & Society. Arquitectura y dialogia, nº 13. Barcelona: Edición UPC, mayo de 2006.

PORTAL VITRUVIUS. **Casa Grelha.** No sopé da Serra da Mantiqueira. *Projetos*, São Paulo, ano 08, n. 092.01, Vitruvius, ago. 2008. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/08.092/2918>>. Acesso: 20 out 2018.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ZÚQUETE, Ricardo. **Ensaio: Uma análise dialógica sobre habitação social - Portugal 1950/80.** Tese de doutoramento. UPC Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona. 2000.

A GERAÇÃO DO ARQUITETO SEM PRANCHETA

Carlos Eduardo Silva Leite¹; Mateus Henrique Ferraz Martinez²; Paula Valeria Coiado Chamma³; Antonio Edevaldo Pampana⁴

¹Aluno de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - cadu.ls@hotmail.com;

²Aluno de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –

mateus.ferraz_1999@hotmail.com;

³Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB -

arg.paulachamma@gmail.com;

⁴Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB-

pampanaarquitetura@gmail.com

Grupo de trabalho: Arquitetura e Urbanismo.

Palavras-chave: Croqui, desenho à Mão livre, desenho híbrido, arquitetura, projeto de arquitetura

Introdução: Desde a pré história o desenho foi um meio de expressão do homem. O arquiteto é um profissional que faz do desenho a ferramenta imprescindível para o processo criativo e a forma de expressar o “pensar arquitetônico”, transcendendo o nível consciente do pensamento. O desenho torna-se o próprio pensamento, iniciado pela percepção de um espaço, mentalmente materializado, que depende de um processo lento, de desconstrução de impressões iniciais até a concretização de formas combinadas e harmonicamente dispostas. Segundo Edwards(2005) para desenhar é necessário “despir-se dos conceitos conhecidos intelectualmente sobre os objetos observados”. O ritmo do desenho à mão leva o arquiteto a ter um processo criativo onde elabora mentalmente e transpõe para o papel uma ideia. Já os softwares de projetos permitem a tridimensionalidade imediata, como no sistema BIM. Segundo Ruschel, Andrade e Morais (2013) o ensino de BIM é estratégia fundamental para o desenvolvimento tecnológico na área de arquitetura e construção. No entanto, muitos projetos concebidos no computador não tem qualidade na linguagem gráfica. Pallasma (2013) afirma que “o lápis na mão de um arquiteto é uma ponte entre a mente que imagina e a imagem que surge na folha de papel.” No croqui de criação projetual, o traço solto consegue acompanhar a intenção do arquiteto. Após esse processo, os softwares podem auxiliar a produção das peças gráficas, sem interferir no processo criativo e na própria identidade do arquiteto. Segundo Baratto (2015) “ A capacidade criativa está ligada à capacidade de representar as ideias, e o desenho à mão é a forma mais simples e rápida de representar ideias”.

Objetivos: Comparar o desenho a mão livre com o desenho por ferramentas digitais no projeto de arquitetura.

Relevância do Estudo: O tema deve ser amplamente discutido, especialmente nas escolas de arquitetura, visto que interfere diretamente no tipo de formação desse profissional. A flexibilidade do lápis sobre o papel garante ao desenho à mão uma importância crucial no desenvolvimento de projeto de arquitetura. Um lápis e um papel, por serem uma realidade palpável dão maior flexibilidade na representação da ideia através das mãos, mesmo sendo uma representação bidimensional com perspectiva. Já a capacidade de resposta que um mouse possui ao processo mental comandado através da mão é muito limitada.

Materiais e métodos: Pesquisa qualitativa, com base em levantamento bibliográficos e observação não estruturada como técnica de coleta de dados.

Resultados e discussões: No passado, o desenho foi o principal recurso e método de expressão de grandes mestres como Leonardo da Vinci, que tornou-se famoso por seus croquis e seus projetos à frente ao seu tempo. Paulo Mendes da Rocha e Oscar Niemeyer sempre expressaram suas ideias através de croquis, mostrando a importância do desenho à mão. No entanto, essa forma de expressão tem perdido espaço não só nas escolas de arquitetura como nos escritórios dos arquitetos. A facilidade das apresentações digitais tem encantado clientes, muitas vezes ocultando a essência desse processo, ou seja, a qualidade espacial do projeto. Todo estudante de arquitetura deve aprender a desenhar à mão e deve ser estimulado a desenvolver o projeto através dos croquis, assim como toda criança ao ser alfabetizada é estimulada a escrever utilizando as mãos e não apenas o teclado de um computador ou de um tablet. No entanto, os softwares podem ser muito úteis, principalmente por reduzir tempo de trabalho e por facilitar as alterações no projeto. No primeiro semestre do Curso de Arquitetura e Urbanismo das Faculdades Integradas de Bauru, os alunos entram no universo do desenho (técnico, arquitetônico e expressivo) em várias disciplinas. Já no segundo semestre do curso, embora estimulados à desenvolver seus projetos à mão, os alunos passam a ter contato com disciplina que oferece uma introdução às representações gráficas digitais, momento em que percebem o quanto as ferramentas digitais podem facilitar as correções nos erros de projeto e otimizar o tempo. Além disso, os alunos percebem a maior mobilidade em desenvolver os projetos em qualquer lugar que tenha um computador, não dependendo apenas da prancheta. A partir dessa disciplina nota-se maior afinidade dos alunos com as tecnologias digitais, em detrimento do desenho à mão. No entanto, para que o aluno possa expressar suas ideias docentes das disciplinas projetuais solicitam e avaliam a apresentação de portfólio contendo todo o processo de projeto (croquis, programa de necessidades, organogramas, fluxogramas, microplanejamento, etc), valorizando tanto o desenho à mão aquele feito com as ferramentas digitais.

Conclusão: A tecnologia disponível na atualidade deve ser explorada. O desenho de projeto pode ser híbrido, ou seja, começar na prancheta, ir para o computador e voltar para a prancheta para ser humanizado, como por exemplo para receber acabamento com lápis de cor, hidrocor, giz pastel e etc. O croqui, a primeira etapa do projeto de arquitetura, define o partido, o conceito, a gênese do projeto. Nessa etapa, o desenho à mão livre demonstra ser a melhor ferramenta. Já para o desenvolvimento técnico do projeto e para a preparação da apresentação dos mesmos, há a necessidade das ferramentas digitais, além dos equipamentos de realidade virtual e realidade aumentada. Mas, de nada adianta todas essas ferramentas se o projeto não for bem concebido e não for criativo.

Referências

BARRATTO, R. **Desenho à mão vs. ferramentas digitais:** a opinião de nossos leitores. 2015. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/766953/desenho-a-mao-vs-computador-a-opiniao-de-nossos-leitores>> Acesso em : 20 out. 2018.

EDWARDS, B. **Desenhando com o lado direito do cérebro.** Rio de Janeiro: Ediouro,\

MARTINO, J.A. A importância do croqui diante das novas tecnologias no processo criativo. 2007. 83 f. **Dissertação (mestrado)** - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2007.

PALLASMAA, J. **As Mãos Inteligentes:** A Sabedoria Existencial e Corporalizada na Arquitetura. Porto Alegre: Bookman, 2013.

RUSCHEL, R. C. et al. O ensino de BIM no Brasil: onde estamos?. **Ambient. constr.**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 151-165, June 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-86212013000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 28 out. 2018.

A IMPORTÂNCIA DA UTILIZAÇÃO CORRETA DE PISOS TÁTEIS PARA PESSOAS COM MOBILIDADE REDUZIDA COM ÊNFASE EM IDOSOS

Anízio Pereira de Andrade Junior¹; Maria Vanilde Reghine Fagundes²; Silvia Aparecida Novaes Samadelo³; Elaine Câmera⁴; Tatiene Martins Coelho⁵

¹Aluno de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – tst.junior@hotmail.com;

²Aluna de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB mariavrfagundes@gmail.com;

³Aluna de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB silvia_apnovaes@hotmail.com;

⁴ Professora do curso de Engenharia Civil – Faculdades Integradas de Bauru – FIB elainecamera@hotmail.com;

⁵Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB spg@fibbauru.br

Grupo de trabalho: ARQUITETURA E URBANISMO

Palavras-chave: acessibilidade, pisos táteis, mobilidade reduzida.

Introdução: Em tempos atuais, os direitos das pessoas com deficiência aparentam estar chegando aos meios de comunicação cada vez com mais ênfase, e com isto estão sendo integrados ao discurso do Estado. Porém, ainda visualizamos que mudanças concretas de efetivação de cidadania ocorrem de maneira lenta. De acordo com dados do Censo de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), existiam aproximadamente 45 milhões e 600 mil brasileiros com algum tipo de deficiência, o que correspondia a 23,91% da população brasileira. Portanto a população brasileira vem apresentando uma tendência de envelhecimento nos últimos anos e ganhou 4,8 milhões de idosos desde 2012, superando a marca dos 30,2 milhões em 2017. As pessoas idosas apresentam baixa visão, sendo assim possuem uma dificuldade maior em se locomover por não se sentirem seguras em relação a percepção do espaço que se encontram. Por este motivo a utilização de pisos táteis com o Valor da Luz Refletida - LRV correto é de suma importância para que pessoas com baixa visão tenham mais segurança durante seu trajeto.

Objetivos: Pretende-se demonstrar a importância da utilização de pisos táteis com o LRV correto para que pessoas com baixa visão tenham mais facilidade na trajetória de seu percurso, tornando-se assim mais independente nas simples ações diárias como um simples caminhar.

Relevância do Estudo: Esse estudo vem despertar o interesse de estudantes dos cursos de Arquitetura e Urbanismo e Engenharia Civil para projetarem de acordo com as normas de acessibilidade que tende a ser uma das áreas de maior crescimento no âmbito de projetos de Arquitetura e Engenharia. De acordo com o Art. 2º da lei 13.146/2015 considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. A sinalização tátil direcional possui superfícies de relevo que orientam o percurso no ambiente em que está instalado. Assim, o deficiente visual pode se guiar sem correr o risco de perder o caminho ou escorregar no piso. Conforme a NBR 9050 (ABNT, 2004), consiste em relevos lineares, regulares.

Materiais e métodos: Neste estudo utilizou-se de pesquisa bibliográfica, com leitura de artigos técnicos científicos e pesquisa por meios eletrônicos.

Resultados e discussões: É de grande importância a utilização de pisos táteis assentados corretamente, haja vista que o Brasil desperta para uma maior importância em cuidar de seus idosos, que vêm crescendo exponencialmente a cada ano. A NBR 16537 (Acessibilidade - Sinalização tátil no piso - Diretrizes para elaboração de projetos e instalação) foi lançada em junho de 2016, cerca de 8 meses após o lançamento da revisão da NBR 9050. Ela estabelece os critérios e parâmetros para projeto e instalação de pisos táteis, visando à acessibilidade de pessoas com deficiência visual ou surdocegueira. Essa norma consolida as sinalizações táteis demonstrando que o piso têm quatro funções: identificação de perigos (sinalização tátil alerta): informar sobre a existência de desníveis ou outras situações de risco permanente; condução (sinalização tátil direcional): orientar o sentido do deslocamento seguro; mudança de direção (sinalização tátil alerta): informar as mudanças de direção ou opções de percursos; marcação de atividade (sinalização tátil direcional ou alerta): orientar o posicionamento adequado para o uso de equipamentos ou serviços. A norma também retoma a informação acerca do contraste de luminância (LRV) que deve existir entre a sinalização tátil e o piso adjacente, tanto em superfície seca como molhada. No campo da acessibilidade a pessoas com deficiência visual, observa-se que aconteceu de forma mais lenta que a acessibilidade para pessoas com deficiência motora. Para Dischinger, Ely e Moro (2010) já existe um conhecimento teórico e prático bem significativo relativo às soluções espaciais para pessoas com deficiências motoras. No entanto, em relação às deficiências sensoriais, como a deficiência visual, ainda são requeridos maiores aprofundamentos nas soluções técnicas projetuais. Pode-se imaginar que no futuro não será mais possível projetar sem pensar em acessibilidade.

Conclusão: A utilização correta de pisos táteis é de suma importância para que pessoas com mobilidade reduzida tenham seu direito de ir e vir preservados.

Referências Bibliográficas

ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. Rio de Janeiro, 2015.

_____. **NBR 16537/2016: Acessibilidade - Sinalização tátil no piso - Diretrizes para elaboração de projetos e instalação**. 2016. Rio de Janeiro: ABNT, 2016.

_____. Constituição da República Federativa do Brasil. **Lei Federal de Acessibilidade nº 13.146** de 15 setembro de 2015.

DISCHINGER, M.; ELY, B.; MORO, V. H. Como criar espaços acessíveis para pessoas com deficiência visual a partir de reflexões sobre nossas práticas projetuais. In: A. R. de A. Prado; M. E. Lopes; S. W. Ornstein (Orgs.); **Desenho Universal: caminhos da acessibilidade no Brasil**. São Paulo: Annablume, p.95–104, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa nacional por amostra**. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/16794-pessoas-com-deficiencia-adaptando-espacos-e-atitudes>> Acesso em 28 de outubro de 2018.

ARQUITETURA E A TECNOLOGIA: AUTOMAÇÃO RESIDENCIAL TORNANDO POSSÍVEL A INDEPENDÊNCIA PARA PNE (PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS)

José Carlos Nolastro Junior¹; Gabriel Magalhães da Silva²; Paula Valeria Coiado Chamma³; Antonio Edevaldo Pampana⁴

¹Aluno de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
nolastrojr@hotmail.com;

²Aluno de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
gmsgabriel96@hotmail.com;

³Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB -
arq.paulachamma@gmail.com;

⁴Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB-
pampannaarquitectura@gmail.com

Grupo de trabalho: Arquitetura e Urbanismo

Palavras-chave: automação, arquitetura, tecnologia, portadores de necessidades especiais, acessibilidade.

Introdução: A automação residencial já foi julgada como comodidade, porém hoje em dia a evolução da tecnologia traz aos portadores de necessidades especiais (PNE) opções que apontam múltiplos benefícios. Automação residencial e acessibilidade caminham de mãos dadas e estão transformando drasticamente o modo de viver destas pessoas, que possibilitam ser independentes e realizar tarefas de seu cotidiano que antes pareciam muito difíceis ou até mesmo impossíveis, agora com a tecnologia conseguem resolver essas tarefas utilizando dispositivos móveis ou sensores. "Não se pode mais conceber que em plena era moderna, tecnológica e do mundo globalizado não se consiga transpor a barreira das diferenças" (SILVA, GONCALVES e ALVARENGA, 2012). Os projetos de arquitetura tem muito para contribuir, diminuindo essas diferenças na sociedade. Segundo Migliorini (2018) a "Arquitetura é expressão artística que transmite valores, ideias, concepções do período que acontece, tem implicações na sociedade, e por ela é influenciada, e por isso, pode ser apontada como guardiã de uma estrutura cultural". Assim sendo, a Arquitetura deve acompanhar as inovações referentes à automação residencial.

Objetivos: Avaliar como a arquitetura e a tecnologia podem promover a segurança, conforto e principalmente a independência dos portadores de necessidades especiais dentro da sua própria casa usando a automação residencial.

Relevância do Estudo: A automação residencial, também conhecida como Domótica, proporciona diversas vantagens como mais conforto, segurança, economia, simplicidade no cabeamento elétrico e versatilidade, segundo Prudente (2015). O arquiteto deve estar atento às novas tecnologias. Além disso, o arquiteto também deve atender as necessidades e aspirações de grupos sociais, principalmente aos que sofrem algum tipo de segregação social. "O processo de exclusão social de pessoas com deficiência ou alguma necessidade especial é tão antigo quanto a socialização do homem." (MACIEL, 2000) Atualmente estamos presenciando cada vez mais o crescimento de uma união entre duas áreas distintas: tecnologia e a arquitetura. Ainda é pequeno o número de moradias que usufruem da automação residencial em benefício dos portadores de necessidade física, pelo motivo de pouca informação sobre os múltiplos benefícios oferecidos entre essa integração de áreas. O fruto dessa junção são as residências automatizadas que tornam a vida de pessoas que possuem alguma deficiência muito mais práticas. Pensando nisso o arquiteto está cada

vez mais se especializando em projetar residências para os PNE tirando proveito da tecnologia para trazer comodidade, segurança e independência. No mercado há sistemas que já oferecem uma série de recursos, onde o usuário pode decidir qual a melhor configuração que supra suas necessidades, podendo alterar e agregar funções a equipamentos de segurança e de entretenimento. (BOLZONI, 2004)

Materiais e métodos: O estudo foi realizado por meio de pesquisas quantitativa, com aplicação de questionário, além da pesquisa bibliográfica.

Resultados e discussões: Sem tecnologia não é possível obter bons resultados em trazer conforto, segurança e independência aos portadores de deficiência física. A evolução tecnológica é capaz de transformar tarefas impossíveis para os usuários que tem necessidades especiais. A acessibilidade na cozinha, por exemplo, é um dos maiores obstáculos para deficientes físicos, sendo que é possível ter mecanismos que movimentam armários para nível de altura mais baixo. Em outras situações mais usuais já se faz uso de mecanismos como: controlar a iluminação, automatizar portas e janelas podendo controlar quando abrir ou fechar em toda a residência e conferir a presença de pessoas próximas por câmeras de segurança.

Conclusão: Os mecanismos de automação residencial tradicionais já estão amplamente difundidos, mas ainda há poucas informações sobre a automação residencial relacionada à acessibilidade na arquitetura, bem como carece a divulgação dos benefícios que a automação residencial pode proporcionar aos Portadores de Necessidades Especiais.

Referências

BOLZANI, C. A. M. **Residências Inteligentes. Romótica, Redes Domésticas, Automação Residencial.** São Paulo, Livraria da Física, 2004

MACIEL, M. R. C. **Portadores de deficiência: a questão da inclusão social.** São Paulo Perspec., São Paulo, v. 14, n. 2, p. 51-56, June 2000. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 29 out 2018.

MIGLIORINI, M. **O essencial da arquitetura e urbanismo** [recurso eletrônico]. Ponta Grossa (SP): Atena Editora, 2018.

PRUDENTE, F. **Automação Predial e Residencial: Uma Introdução.** Rio de Janeiro, LTC, 2015.

SILVA, F. T.; GONCALVES, E. A. V.; ALVARENGA, K. F. . Inclusão do portador de necessidades especiais no ensino regular: revisão da literatura. **J. Soc. Bras. Fonoaudiol.**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 96-103, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2179-64912012000100017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 29 out. 2018.

ARQUITETURA E O PODER DA TRANSFORMAÇÃO- DAS GRADES PARA A LIBERTAÇÃO

Larissa Cristina de Oliveira¹; Nelma de Menezes Gatti²; Paula Valéria Coiado Chamma³;

¹Aluna de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
laholiveira_17@hotmail.com;

²Aluna de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – nelma_gatti@hotmail.com

³Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB -
arg.paulachamma@gmail.com

Grupo de trabalho: Arquitetura e Urbanismo.

Palavras-chave: Parque da Juventude, resignificação, projeto, arquitetura dialógica

Introdução: O Parque da Juventude está localizado entre as avenidas Cruzeiro do Sul, Ataliba Leonel e Zak Narchi, no bairro Santana, zona norte da capital paulista, ao lado da estação do metrô Carandiru. Até o ano de 2002 abrigou o antigo Presídio do Carandiru (em atividade desde 1920), sendo o maior complexo penitenciário da América Latina. Em 1998 foi realizado o Concurso Nacional de Ideias para o Carandiru (OLIVEIRA, 2005), prevendo sua desativação como presídio e a concepção arquitetônica do espaço para sua revitalização. A equipe vencedora do concurso foi da arquiteta paisagista Rosa Grena Kliass conjuntamente ao escritório Aflalo & Gasperini (ARCOWEB, 2018), compreendendo uma área de 240 mil metros quadrados, dividido em três setores interligados: Parque: Esportivo, Central e Institucional. A implantação do projeto dividiu-se em três fases. A primeira inaugurada em 2003, compreende a área esportiva composta de quadras, pistas, espaço para piqueniques, ciclovia, playground, estações de ginástica, sanitários acessíveis, uma nova paisagem vegetativa e a revitalização de um dos pavilhões para visitação. A segunda etapa, inaugurada no ano seguinte, compreendida como área central, a paisagista manteve como marco histórico os muros e a passarela, preservou a mata atlântica nativa com trilhas para caminhada e visão panorâmica do córrego dos Carajás, inserindo um pequeno morro na topografia do espaço e recriou a área vegetativa paisagística que interliga os setores. Na terceira etapa e última etapa foi inaugurada a  rea Institucional em 2007, remodelando o conjunto de dois pavilhões existentes com a t cnica retrofit, pela proposta do escritório Aflalo & Gasperini, que correspondem hoje aos prédios de escola profissionalizante da ETEC, a Biblioteca e o ACESSA São Paulo, programas de inclusão digital, cultural e educacional. (ARCOWEB, 2018). Assim sendo, o Parque da Juventude mudou drasticamente a paisagem da Zona Norte de São Paulo. (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2018)

Objetivos: Analisar o processo de resignifica o de um espaço e seu resultado transformador na sociedade.

Relevância do Estudo: A maior relevância da presente pesquisa está na análise da coordena o do projeto arquitetônico em caráter funcional e dialógico e na avalia o das causas, dos métodos de estudo do processo e do resultado de retorno qualitativo e quantitativo da reconfigura o e da re-figura o (método de análise dialógica) espacial da área em questão, através de um planejamento ambiental sustentável integrado às necessidades sociais e de inser o urbanística ao meio.

Materiais e métodos: Pesquisa bibliográfica, com estudo de caso.

Resultados e discussões: A maior relevância da coordenação deste projeto arquitetônico de caráter paisagístico, funcional e dialógico, realizado pela equipe da Arquiteta Rosa Grena Kliass, é a ressignificação espacial da área em questão, através de um planejamento ambiental sustentável e de um estudo das necessidades sociais de inserção urbanística ao meio, utilizando o mesmo espaço outrora pesado pela reclusão, violência e tensão a um paradoxo com resultados de interação homem natureza-meio ambiente, preservação e convivência pacífica tanto com o meio como para com a sociedade em consciência da importância de sua preservação. Segundo Pereira (2017) nesse projeto foi possível “transformar as sofridas marcas históricas do local em áreas fluidas e passíveis de serem vivenciadas por cerca de 80 mil pessoas que o frequenta mensalmente” A mesma área urbana do entorno que sofreu a pressão da existência do presídio com a insegurança contínua de rebeliões e fugas, e conseqüentemente a desvalorização imobiliária, hoje é classificada como um polo atrativo com frequência diversificada de classes sociais de interação com o meio, atraindo novamente o comércio ao redor e o setor imobiliário. Esta pesquisa identifica que em áreas degradadas ou sofridas com marcas históricas podem ser transformadas através de um projeto arquitetônico dialógico de remodelagem estrutural e institucional e de planejamento sustentável, em espaços passíveis de serem usados pela sociedade. Este processo é real e possível de ser implantado nas mais adversas circunstâncias, como demonstrou este estudo de caso no Parque da Juventude. Porém, atualmente, projetos como este, com inserção de planejamento sustentável urbanístico, estão pouco presentes no planejamento de uma maioria de projetistas paisagistas, responsáveis pelos desenhos urbanos de maior destaque no cenário da produção nacional.

Conclusão: Se faz necessário no presente século, aplicar a devida visão imperativa da importância em implantar estudos e ressignificar ambientes degradados, dentro de um processo de reconfiguração do espaço e com fins de gerar mudanças significativas sustentáveis, funcionais e transformadoras do meio.

Referências

ARCOWEB. **Espaço da Liberdade**. Disponível em:

< <http://www.arcoweb.com.br/projetodesign/arquitetura/rosa-grena-kliass-primeira-etapa-31-05-2004>> Acesso em: 20 out. 2018.

ARCOWEB. **Prédios Institucionais marcam fase final do parque da Juventude**. Disponível em: <<https://www.arcoweb.com.br/projetodesign/arquitetura/aflalo-amp-gasperini-arquitetos-parque-sao-31-10-2008>> Acesso em: 20 out 2018.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Parque da Juventude**. Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/parques-e-reservas-naturais/parque-da-juventude/>> Acesso em 20 out. 2018.

OLIVEIRA, J. G. M. **Operações Urbanas em São Paulo**: crítica, plano e projeto. Parte 7- Operação urbana Carandiru-Vila Maria, Arqutextos n. 065-03. São Paulo, Portal Vitruvius, out.2005. Disponível em: < <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/06.065/415>> Acesso em: 20 out. 2018.

PEREIRA, M. **Parque da Juventude**: Paisagismo como ressignificador espacial. 2017. Disponível em: < <https://www.archdaily.com.br/br/880975/parque-da-juventude-paisagismo-como-ressignificador-espacial>> Acesso em: 20 out. 2018.

CONTAINERS: UMA ALTERNATIVA PARA A PRODUÇÃO HABITACIONAL

Gabriel Rodrigues da Silva¹; Daiane Franciane dos Santos Mattos²; Bruna Aparecida Barbosa³;
Rafhaela Aparecida Silvestre⁴; Juliana Cavalini Martins⁵

¹ Aluno de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
gabrsilva1994@gmail.com

² Aluna de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
daianefranciane@hotmail.com;

³ Aluna de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB ;
babosabruna058@gmail.com;;

⁴ Aluna de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
rafa.silvestre1998@hotmail.com;

⁵ Professora de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
juli.cavalini@gmail.com

Grupo de trabalho: ARQUITETURA E URBANISMO

Palavras-chave: habitação social, container, sustentabilidade.

Introdução: As questões envolvendo a sustentabilidade são cada vez mais relevantes e o principal agente a ser beneficiado é o homem, dado que o desenvolvimento sustentável é o que atende as necessidades do presente sem comprometer as possibilidades das futuras gerações de atenderem as suas próprias necessidades (TAVARES, 2010). No contexto da construção civil, primeiramente os contêineres foram utilizados como armazenagem de materiais em canteiros de obra, após sendo adaptadas de forma arquitetônica para residências unifamiliares. De acordo com Romano, Paris e Júnior (2014, p.7) a reutilização do contêiner na construção civil é muito importante pois colabora na retirada de um entulho desperdiçado no meio ambiente, o qual após adaptado pode valorizar uma edificação provendo uma menor quantidade de resíduos na obra e a redução do uso de recursos naturais gerando economia para o construtor, que não necessita, por exemplo, investir em grandes fundações. Com o foco na sustentabilidade e promoção social, os contêineres têm se apresentado como alternativas para a construção civil, considerando que podem ser usados para carga por um tempo entre 10 e 15 anos, e depois disso o equipamento pode passar por adaptações e ter diferentes usos. Com o uso do container é possível fazer uma construção limpa e com redução de entulhos, maior rapidez na execução, custos reduzidos e durabilidade. O container nada mais é que uma caixa de aço, alumínio ou fibra, sendo mais comum o de aço; ele possui vários tamanhos e tipos, trazendo mais praticidade na área da construção civil. Dadas as características e potenciais do uso do contêiner, a intenção deste artigo é apresentar a possibilidade de utilização de contêineres na produção de moradia social, considerando seus aspectos econômicos e possibilidade de projetos modulares. Para Fernandes (2003) a habitação desempenha três diferentes funções: Função social – abrigo da família, base de desenvolvimento; Função ambiental – inserção no ambiente urbano com garantia da qualidade do espaço construído e Função econômica: novas oportunidades de geração de emprego e renda, além da profissionalização. Entre os materiais investigados exaustivamente está o contêiner, material de descarte que pode se tornar um problema para o espaço público e para a natureza, mas que vem conquistando o mercado aos poucos em razão de vantagens associadas ao custo, rapidez de montagem, durabilidade e reuso do resíduo, ou retrofit, o que diminui substancialmente as desvantagens que este tipo de arquitetura pode sugerir, muitas delas condicionadas a análises meramente estéticas (ZOMER, 2009). Dada a importância da moradia para o bem-estar do homem e também para a produção das cidades, buscar alternativas que aperfeiçoem sua produção é assunto de grande relevância e por isso será tratada neste artigo.

Objetivos: Avaliar um método de construção sustentável com a utilização de containers de aço para uso residencial, com o propósito de comprovar que essa forma de moradia é viável como uma alternativa de produção de habitação social.

Relevância do Estudo: A pesquisa se baseia em trabalhos de profissionais e pesquisadores da área da construção civil que atestam que o uso de uma casa-container contribui de forma sustentável e econômica na execução do projeto de moradia, sobretudo, a moradia social.

Materiais e métodos: O trabalho foi desenvolvido por meio de uma pesquisa aplicada e descritiva. Em relação aos procedimentos técnicos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental.

Resultados e discussões: De acordo com Milaneze et al., (2012) o contêiner possui vida útil de, cerca de dez anos, sendo descartado muitas vezes pelas empresas, as quais consideram mais viável economicamente a aquisição de um novo modelo. Assim, gerando grande entulho, os mesmos são vendidos para ferros-velhos, sendo parcialmente reciclado ou abandonado à deriva no meio ambiente. A maioria das pessoas sonha em ter uma casa, no entanto, o custo de uma moradia está muito além do orçamento disponível, o que obriga boa parte das famílias a mudarem para regiões mais distantes para realizar esse sonho ou dependem do governo para ter acesso a uma moradia. Com a utilização de contêineres para a produção habitacional, além da viabilidade econômica, aspecto este muito importante quando se trata da produção de habitação social, cabe ressaltar outros fatores positivos como a agilidade de prazos de execução da obra, a redução de entulhos e principalmente uma resposta sustentável à sua produção. Comprar uma casa container de 12 metros², por exemplo, pode sair no valor entre R\$ 4 a R\$ 10 mil. Para habitações totalmente estruturadas, o custo pode sair no valor entre R\$ 15 e R\$ 30 mil o que evidencia a vantagem deste tipo de construção para a produção habitacional, ressaltando ainda que o prazo para a construção das unidades habitacionais é de, no máximo, 45 dias.

Conclusão: A ideia da produção da casa container trata-se de uma tecnologia alternativa para habitações, que fornecem abrigo de forma sustentável e econômica. A habitação de interesse social projetada a partir do uso de containers reciclados se mostra adequada para o propósito habitacional com valores sustentáveis.

Referências

TAVARES, H. C. G. **Inovação e desenvolvimento sustentável: uma abordagem da inovação desejável.** Disponível em: <http://planeamentoterritorial.blogspot.com.br/2010/01/inovacao-e-desenvolvimentosustentavel_25.html>. Acesso em 02 julho 2012.

FERNANDES, M. **Agenda habitat para municípios.** Rio de Janeiro: IBAM, 2003.
CRICIÚMA, Secretaria municipal de Desenvolvimento Social e Habitação. Plano Local de Habitação de Interesse Social. Pontual, 2012.

MILANEZE, G.; MACHADO, L.T.; SILVA, R. BITTENCOURT, L. F.; BIELSHOWSKY, B. B. **A UTILIZAÇÃO DE CONTAINERS COMO ALTERNATIVA DE HABITAÇÃO SOCIAL NO MUNICÍPIO DE CRICIÚMA/SC.** Científica do IFSC, 2012 Disponível em: <periodicos.ifsc.edu.br> Acesso em 05 de novembro de 2018

ROMANO, Leonora; DE PARIS, Sabine Ritter; NEUENFELDT JÚNIOR, Alvaro Luiz. Retrofit de contêineres na construção civil. **Labor e Engenho**, Campinas, SP, v. 8, n. 1, p. 83-92, fev. 2014. ISSN 2176-8846.

ZOMER, C. D. O sol: **Caminho para a sustentabilidade energética de uma casa container.** 2009. 20 páginas. Monografia apresentada ao Eco_Lógicas: Concurso Catarinense de Monografias sobre Energias Renováveis e ETiciência Energética, promovido pelo Instituto IDEAL, Florianópolis, 2009.

ESVAZIAMENTO E DEGRADAÇÃO DO CENTRO URBANO DE BAURU

Alcivando Neves de Oliveira Junior¹; Beatriz Máira Geraldo de Oliveira²; Brendon Ruiz de Moraes³; Guilherme Fernando da Silva Muro⁴; Luana Caroline Vieira Martinho⁵; Juliana Cavalini Martins⁶

¹Aluno de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – alci_jr@hotmail.com;

²Aluna de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – beatrizmaira.arg@hotmail.com;

³Aluno de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – brendonruiz123@icloud.com;

⁴Aluno de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – gui.f.muro@gmail.com;

⁵Aluna de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – luana_caroline.2@hotmail.com;

⁶Professor de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – juli.cavalini@gmail.com;

Grupo de trabalho: Arquitetura e Urbanismo

Palavras-chave: Centros urbanos, centro de Bauru, degradação, esvaziamento.

Introdução: Com o crescimento das cidades, a maioria dos centros urbanos ficou desabitado, comprometendo a estética e estrutura de suas construções, deteriorando a paisagem urbana. Segundo Sandroni (2004), as construções na região central se tornaram insuficientes para as necessidades da população residente e das empresas que, por consequência, se deslocaram para novas áreas da cidade, criando novos centros. O resultado desse deslocamento é a transformação dessa região, antes espaço cultural e intelectual da cidade, em espaço degradado e inóspito. Cabe ressaltar que “a região central das cidades e sua ambiência apresentam uma configuração morfológica específica para cada contexto urbano, uma memória e uma identidade cultural que devem ser levadas em consideração ao longo do tempo”.(MARTINS, 2016) Entende-se por ambiência, “o quadro natural ou construído que influi na percepção estática ou dinâmica desses conjuntos, ou a eles se vincula de maneira imediata no espaço, ou por laços sociais, econômicos ou culturais” (CARTAS PATRIMONIAIS, 1976, RECOMENDAÇÕES DE NAIRÓBI, p. 3). Santos (2009) ressalta que, cada sociedade vê o espaço de uma forma que diretamente estará ligada às suas concepções sociais e culturais. Para o autor, compreender a cidade e explicar a produção do espaço urbano implica entender esse espaço, relacionado à sua forma, à medida que ela expressa muito mais que uma simples localização e arranjo de lugares, expressa um modo de vida.

Objetivos: Identificar as consequências decorrentes da degradação do centro urbano de Bauru.

Relevância do Estudo: Este trabalho tem como propósito apontar as motivações dos esvaziamentos dos centros urbanos, especificamente do município de Bauru. Suas principais consequências geram a degradação, e este estudo é expressivo, pois conscientiza o poder público e a sociedade sobre a importância de recuperar e preservar essa região da cidade.

Materiais e métodos: Trata-se de um estudo descritivo, bibliográfico (artigos, livros nacionais e sites de instituições do ensino superior).

Resultados e discussões: A formação da maioria dos centros urbanos do interior paulista deu-se com o desenvolvimento da ferrovia, facilitando a conexão entre municípios e alguns estados, possibilitando o transporte de produtos, cargas e pessoas e atraindo empresas

interessadas em se fixar em áreas próximas ao terminal ferroviário. Com o encerramento das principais atividades ferroviárias, sobretudo após o surgimento dos transportes rodoviários, muitas empresas se deslocaram para outras regiões. Além dos fatores aludidos, atualmente, o declínio da densidade populacional nos centros urbanos é motivado pela descentralização do comércio e novas formas de morar, transformando as antigas edificações em espaços insuficientes para a vida moderna e conseqüentemente, inutilizados. De acordo com Lopes Junior & Santos (2009), o centro é o referencial que move parte da economia, sendo assim, quando surgem novos pontos centrais, a visão voltada ao “principal”, se fragmenta, dando “mais valor” àquele que conduz maior capital, além de ser uma região servida de infraestrutura e transporte público, ou seja, é uma região ideal para a permanência de habitação. Além dos edifícios que se degradam com o tempo, e a falta de interesse financeiro/comercial nestas áreas, o centro da cidade, conhecido como Calçadão, que possui um comércio agitado durante o dia, apresenta uma problemática: não produzir e incentivar o movimento de pessoas no período noturno. Dessa maneira, elevam-se nessas regiões os índices de violência, provocando a sensação de medo e insegurança, deslocando a população para centros alternativos, no caso da cidade de Bauru, esse deslocamento se deu da Rua Batista de Carvalho para a Av. Getúlio Vargas, atualmente configurada como a área de maior atração e movimento nos horários noturnos. Como resultado, o centro histórico de Bauru encontra-se degradado e abandonado. Fato é que, a única maneira de manter uma região dinâmica é promovendo habitação neste espaço.

Conclusão: Este estudo contribuiu para identificar as causas da degradação e esvaziamento da região central de Bauru e conscientizar a população sobre a importância da preservação do centro como espaço de história e memória local, e para isso é necessário mantê-lo “vivo”.

Referências

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. **Recomendação de Nairóbi**. 1976. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Recomendacao%20de%20Nairobi%201976.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2018.

LOPES JUNIOR, W. M; SANTOS, R. C. B. dos. **Retratos do centro urbano**: um olhar sobre a cidade de Bauru – SP. Caminhos da Geografia (UFU. Online), v. 10, p. 198-2010, 2009.

MARTINS, J. C. **Habitacão social em centros urbanos consolidados**: análise dialógica desde o percurso do projeto ao uso social: São Paulo (Brasil) e Roma (Itália) Bauru: UNESP, 2016 165 f. Dissertação(Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)-Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. Bauru, 2016

SANDRONI, P. **A dinâmica imobiliária da cidade de São Paulo**: esvaziamento, desvalorização e recuperação da região central. Em: Caminhos para o entro: estratégias de desenvolvimento para a região central de São Paulo. São Paulo: Empresa Municipal de Urbanização; Centro Brasileiro de Análise e Planejamento; Centro de Estudos da Metrópole, 2004.

SANTOS, C.D. dos; **A formação e produção do espaço urbano**: discussões preliminares acerca da importância das cidades médias para o crescimento da rede urbana brasileira. Taubaté: Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, 2009.

“FALLINGWATER” A CASA DA CASCATA: A NATUREZA Á FAVOR DA ARQUITETURA

Julia Muniz da Silva¹; Luana Brandão Prudenciate²; Juliana Cavallini³;

¹Aluna de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
juliamuniz287@gmail.com;

²Aluno de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
luana.prudenciate@hotmail.com;

³Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
juli.cavallini@gmail.com

Grupo de trabalho: Arquitetura e Urbanismo

Palavras-chave: Arquitetura dialógica; percepção; paisagem.

Introdução: A Casa da Cascata, localizada na Pensilvânia, foi projetada pelo arquiteto Frank Lloyd Wright na década de 1930. Feita para o comerciante Edgar J. Kaufmann e sua esposa Lidiene Kaufmann. Esta casa é considerada uma das obras mais famosas do mundo em função do diálogo que estabelece com o local em que está inserida. Entende-se que a arquitetura como conceito pode ser abordada sob diversos aspectos, tais como: forma, função, espaço, materiais, escala, e definida por meio desses, porém, dentre esses aspectos, “o substantivo mais latente e importante, e que difere a arquitetura de outras artes, ou da mera construção, é o espaço” (ZEVI, 1996, p. 28). Não se pode pensar que a experiência espacial arquitetônica só é possível no interior de um edifício, ou seja, que o espaço urbanístico praticamente não existe ou não tem valor, por isso chamamos uma boa arquitetura de arquitetura dialógica. Para Bakhtin (1990) a arquitetura dialógica é a arquitetura que completa o lugar em aspectos onde ele mesmo não pode ser completado. Para Zúquete (2000) ela é definida como sendo a relação entre o projeto e o seu contexto onde, para Muntañola (2006), o contexto é o lugar, o entorno, e é ele que estimula a configuração do edifício. Tais estímulos são as características que o lugar apresenta como partido arquitetônico para a construção de uma obra. Desta forma, analisando o projeto da Casa da Cascata, podemos definir se ela configura uma arquitetura dialógica, ou não.

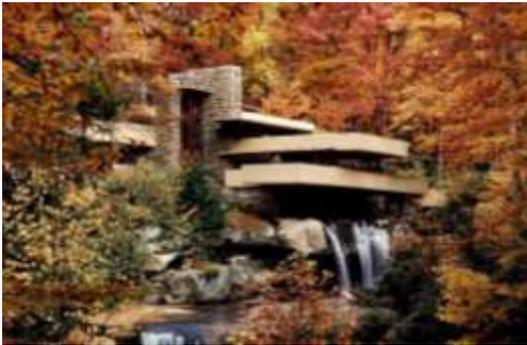
Objetivos: Discorrer sobre a dialogia da Casa da Cascata e levantar informações sobre as percepções e opiniões das pessoas diante do projeto edificado.

Relevância do Estudo: A escolha do tema se deve à grande preocupação na atualidade de se conservar a natureza e cada vez mais deixa-la como protagonista de um projeto, sendo qualificada como Arquitetura Dialógica ou Arquitetura Orgânica. Sendo este projeto o precursor desse tipo de arquitetura, deve-se a ele alta relevância em estudos.

Materiais e métodos: Foi realizada pesquisa bibliográfica e pesquisa qualitativa com o intuito de buscar informações sobre a percepção e o conhecimento da população a respeito da dialogia. Utilizando as redes sociais como uma ferramenta para desenvolver uma enquete com os usuários, procurou-se estabelecer uma opinião geral sobre o tema abordado, perguntando às pessoas (*via Instagram*) se elas morariam ou não na Casa da Cascata e outra enquete (*via WhatsApp*) perguntando qual a sensação que a imagem da Casa da Cascata provoca nas pessoas. Essa sensação deveria ser resumida apenas em uma palavra.

Resultados e discussões: Para Frank Lloyd Wright, autor do projeto, “o edifício bom não é o que fere a paisagem, mas sim aquele que a torna mais bonita do que era antes dele ser construído”. A Casa da Cascata está inserida em uma área de aproximadamente 240 mil m². Está construída sobre uma cascata, daí a origem do nome. As sensações visuais que a

Fallingwater produz são causadas pelos próprios materiais que lhe são destinados. No centro da construção está o eixo vertical organizador dos espaços internos, ao mesmo tempo em que estrutura os volumes de concreto que avançam sobre a mata, diluindo-se na paisagem. O material utilizado é a pedra, que confunde o eixo estruturador com as rochas que afloram do solo, fazendo com que o projeto se “dissolva” na paisagem. Como resultado do levantamento realizado pelas redes sociais, a maioria das pessoas (60 votos) responderam que SIM, morariam na Casa da Cascata e 3 pessoas responderam que NÃO, não moraria na Casa da Cascata. Sobre as sensações provocadas pela imagem da Casa, as respostas foram as seguintes: tranquilidade, segurança, paz, calma, sofisticação, perfeição, harmonia, encantamento, equilíbrio, felicidade e conforto. Essas respostas comprovam o quanto uma arquitetura dialógica contribui para a qualidade de vida, bem-estar de seus usuários e respeito ao meio ambiente.



A Casa da Cascata e seu diálogo com o entorno.
<https://www.archdaily.com.br/br/01-53156/classicos-da-arquitetura-casa-da-cascata-frank-lloyd-wright>



A Casa da Cascata e seu diálogo com o entorno.
<https://www.archdaily.com.br/br/873211/acompanhe-as-mudancas-do-entorno-natural-da-casa-da-cascata-de-frank-lloyd-wright-durante-as-estacoes-do-ano>

Conclusão: A partir do resultado das pesquisas realizadas para este trabalho e da bibliografia consultada, infere-se que a Casa da Cascata configura-se como sendo uma arquitetura dialógica, pois respeita o local onde está inserida, utilizando os materiais construtivos encontrados no local e compõe a paisagem como elemento estruturante e não agressor.

Referências

ARCHDAILY. **Acompanhe as mudanças do entorno natural da Casa da Cascata de Frank Lloyd Wright durante as estações do ano.** jun 2017. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/873211/acompanhe-as-mudancas-do-entorno-natural-da-casa-da-cascata-de-frank-lloyd-wright-durante-as-estacoes-do-ano> Acesso em: 20 out 2018

ARCHDAILY. **Clássicos da Arquitetura:** Casa da Cascata / Frank Lloyd Wright. Jun.2012. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-53156/classicos-da-arquitetura-casa-da-cascata-frank-lloyd-wright>>. Acesso: 20 out. 2018.

BAKHTIN, M. **Art and Answerability: Early Philosophical Essays by M.M. Bakhtin.** Edited by Michael Holquist and Vadim Liapunov. Austin: University of Texas Press, 1990.

MUNTAÑOLA, Josep. **Hacia una aproximación dialógica a la arquitectura contemporánea.** In Revista Architectonics, Mind, Land & Society. Arquitectura y dialogia, nº 13. Barcelona: Edición UPC, mayo de 2006.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ZÚQUETE, Ricardo. **Ensaio:** Uma análise dialógica sobre habitação social - Portugal 1950/80. Tese de doutoramento. UPC Escola Tècnica Superior d'Arquitectura

GALERIAS COMERCIAIS EM BAURU-SP: UMA ANÁLISE SOCIOECONÔMICA

Thaís Souza Gonçalves¹; Paula Valéria Coiado Chamma ²

¹Aluna de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
tha_gsouza@hotmail.com;

²Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB-
arq.paula.chamma@gmail.com

Grupo de trabalho: Arquitetura e Urbanismo

Palavras-chave: Galerias Comerciais; Comércio; Arquitetura; Bauru; Cidade.

Introdução: A história de Bauru-SP está intimamente relacionada com a história das ferrovias. "Por se tratar de um chão de passagem Bauru começou a ser palco de um grande fluxo de pessoas e, conseqüentemente, de capital" (Repórter Unesp. 2018) Com esse processo, o agronegócio deixou de ser a única fonte econômica e a cidade passou a lucrar também com o comércio. Por volta da década de 1918, Bauru inicia seu comércio na Rua dos Esquecidos, como era conhecida. Após o advento do automóvel, houve a transição do local principal de compra da população bauruense de maior poder aquisitivo para a Avenida Duque de Caxias. No entanto, desde a década de 60 o comércio da área central vem sendo enfraquecido, mas a partir do final da década de 80 é que esse processo se acelera em função da fundação do Bauru Shopping. Atualmente o Bauru Shopping é utilizado predominantemente pela população da zona sul assim como da população das cidades da região, em função de tudo que um comércio em local fechado, ou seja, um shopping, oferece. (Cardoso, 2015) A Rua Batista de Carvalho possui hoje um pouco mais de cem lojas, inclusive com surgimento de galerias, entretanto, somente em 1992 a rua passa a ser conhecida como o Calçadão da Batista de Carvalho. Na atualidade, o Calçadão da Batista de Carvalho, possui sete quadras, 130 lojas e o comércio movimentando milhões de reais por ano. (Vivendo Bauru, 2015). Neste presente estudo foram analisadas as galerias comerciais tanto na área central, ou seja, o Central Shopping e a Galeria 21 Center, na zona sul de Bauru.

Objetivos: Analisar duas galerias, localizadas em locais diferentes da cidade de Bauru-SP.

Relevância do Estudo: Este artigo é relevante por se tratar de um estudo que engloba a análise de dois espaços distintos no município de Bauru-SP, com finalidade comercial, como forma de entender a atual dinâmica social e econômica da população.

Materiais e métodos: Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva, bibliográfica, utilizando como instrumento de coleta de dados a observação e o estudo de caso

Resultados e discussões: Bauru situada no interior de São Paulo possui uma população de 374.272 de acordo com IBGE (2018) com uma área de aproximadamente 673, 488 km². Em uma distância de 345 quilômetros da capital que funciona como centro regional da área onde está localizada, como principal cidade, exercendo grande influência sobre outros municípios próximos, principalmente no que se refere a opções de lazer, educação e cultura. Seu comércio iniciou há mais de 100 anos atrás, sendo que relações de troca foram caracterizadas como origem do comércio que remetem aos produtos destinados a suprir necessidades humanas básicas, ou seja, produziam-se alimentos ou peças de vestuário para trocas entre si. Com o crescimento da população e os diversos fornecedores o

comércio de Bauru foi aumentando, feiras na qual eram organizadas em praças públicas para a troca de mercadoria começa a ver então as primeiras lojas de departamento, galerias e mercado. Por volta de 1924 com o avô de Cássio Carvalho que deu o início a um negócio que transformou em um dos comércios da cidade. Atualmente o bisneto do fundador participa da administração das lojas e possui algumas unidades neste comércio. A partir daí, começou a colocar a venda produtos de diversos fornecedores, assim surgiu a Casa Carvalho (Viivendo Bauru, 2016). A variedade de produtos é imensa, além da expansão que é feita constantemente, pessoas vindo de outros países querendo uma oportunidade de crescer seu negócio, entretanto, vivemos em um país que o imposto é elevadíssimo, a crise aumenta constantemente e as pessoas estão à procura de conforto e segurança. Em meados da década de 1960, o aparecimento dos shoppings no Brasil veio acompanhando o processo de industrialização, a modernização da indústria e o crescente aumento populacional nas cidades, facilitando aos moradores de todas as regiões a relação de compra. Em Bauru, além dos principais pontos comerciais (Bauru Shopping, Boulevard Shopping e Calçada da Batista) há diversas galerias, sendo duas galerias que são as mais conhecidas no comércio local. Uma delas é a Galeria 21 Center localizada na região sul e frequentada pela classe média alta, sendo que no seu centro encontra-se uma cafeteria, que se consolidou como opção de lazer e convívio social, o dia todo. Essa galeria possui aproximadamente vinte lojas com diversos tipos de setores (advogados, dentistas, lojas de roupas/roupas/sapatos). Em dias de mais movimento o lugar é frequentado por mais de 50 pessoas. Já o Center Shopping Bauru é uma galeria a céu aberto, possui mais de 30 lojas variando por ser lojas de roupas, relógios e acessórios para celular, porém são lojas que não possuem nenhum tipo de cuidado quanto à questão de lazer e comodidade para oferecer ao cliente, não se preocupam com uma arquitetura, nem decoração. Em seus dias mais movimentados verificam-se mais 400 pessoas que frequentam este lugar.

Conclusão: Ao analisar as duas galerias notou-se que o o número de pessoas que frequentam as galerias do Center Shopping é muito maior que a Galeria 21 Center, embora muitos clientes tendem a procurar um espaço para fazer compras agregando lazer, boa aparência do local, decoração e atendimento personalizado. No entanto a variedade de produtos e opções de preço no Center Shopping faz com que seja mais frequentado, porém mais segregado socialmente.

Referências

Cardoso, R. **A história do comércio de Bauru, do calçadão até os shoppings.** Nov. 2015. Disponível em: <<https://www.socialbauru.com.br/2015/11/10/historia-do-comercio-de-bauru-do-calcadao-ate-os-shoppings/>>. Acesso 20 out 2018.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. v4.3.8.18.18. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/bauru/panorama>>. Acesso: 20 out. 2018.

Reporter Unesp. **A história do calçadão sem limites.** Disponível em: <<http://reporterunesp.jor.br/2014/04/18/a-historia-do-calcadao-sem-limites/>> Acesso: 20 out 2018.

Vivendo Bauru. **O calçadão da Batista.** Out 2015. Disponível em: <<http://www.vivendobauru.com.br/o-calcadao-da-batista/>> Acesso: 20 out 2018.

Vivendo Bauru. **O comércio de Bauru.** Jun 2016. Disponível em: <<http://vivendobauru.com.br/historia-do-comercio-de-bauru/>> Acesso: 20 out 2018.

IDENTIDADE E LUGAR: IMPACTOS DA IMPLANTAÇÃO DE EQUIPAMENTO COMUNITÁRIO DE GRANDE PORTE EM ÁREA HISTÓRICA NA CIDADE DE BAURU-SP

Lucas do Nascimento Souza¹; Tatiana Ribeiro de Carvalho²;

¹Aluno de Arquitetura e Urbanismo – Universidade do Sagrado Coração – USC –
lucasaur@gmail.com;

²Professora e coordenadora do curso de Arquitetura e Urbanismo – Universidade do Sagrado Coração – USC tatiana.carvalho@usc.br;

Grupo de trabalho: ARQUITETURA E URBANISMO

Palavras-chave: Equipamento urbano, relação homem x ambiente, avaliação do espaço.

Introdução: O homem modifica a paisagem e o local onde vive desde sua existência. Essa interferência gera a alteração do ambiente natural e resulta na transformação do entorno, impactando positiva e/ou negativamente no espaço.

Objetivos: Analisar os impactos causados pela implantação do Shopping Boulevard em uma área consolidada e de relevância histórica da cidade de Bauru - SP, a Vila Antártica, e propor diretrizes projetuais para cenários ideais que diminuam as fragilidades e potencializem os aspectos positivos da área.

Relevância do Estudo: É importante que se tenha um entendimento sobre as alterações que ocorrem em detrimento de intervenções sofridas na área quando da interferência de um novo equipamento urbano para que não se prejudique a relação homem x ambiente, sendo necessário abranger a dimensão abstrata que inclui questões culturais, sociais e valores simbólicos como de pertencimento e de identidade local da população. Neste sentido, Avaliações Pós-ocupacionais (APOs), são instrumentos importantes pois permitem a avaliação do espaço construído de maneira integral.

Materiais e métodos: Levantamento histórico da área. Pesquisa bibliográfica sobre o tema espaço urbano. Pesquisa documental onde se analisou o EIV da Agrosolo (2016), empresa considerada vizinhança imediata do shopping, que revelou dados da área sobre poluição sonora, visual, iluminação, entre outros (até então inexistentes). Análise do trabalho “Estudo de Segregação Socioespacial no Espaço Urbano da Vila Antártica” da disciplina de Estudos Socioeconômicos e Ambientais do curso de Arquitetura e Urbanismo da USC no ano de 2014. APO da área composta de visitas *in loco* e uma exposição temporária, onde fora inserida uma árvore com imagens históricas e atuais da área para reflexão dos transeuntes que se aproximavam de forma voluntária. Posteriormente ocorreu um passeio dialogado (*walkthrough*), com os participantes da intervenção para entendimento da dinâmica espacial.

Resultados e discussões: Através da abordagem qualitativa foi possível obter dados que possibilitaram delinear cenários futuros para a área e traçar diretrizes de melhoria para a mesma. Três eixos servirão de norteadores na configuração dos cenários futuros: A) Criação de áreas de permanência para os moradores locais, resgatando e enfatizando o valor da vida em comunidade conforme histórico observado. B) Inserção de vegetação para melhoria da qualidade visual da área. Sugere-se o plantio de árvores frutíferas em locais estratégicos, incentivando a permanência dos moradores locais e frequentadores. Esta medida auxiliará também na diminuição do impacto sonoro e na temperatura local. C) Investimento em mobiliários urbanos para estimular um maior uso pelas pessoas. Conforme o trabalho “Estudo de Segregação Socioespacial No Espaço Urbano da Vila Antártica”, já em 2012 a VI. Antártica apresentava uso do solo misto, porém, após a inserção do shopping (inaugurado em novembro do mesmo ano), isso se intensificou, juntamente com o fluxo

viário. Constatou-se a diminuição da vegetação na área ao longo dos anos, e notou-se ainda a proliferação de pequenos comércios e serviços entre 2010 e 2014, fator este que implica na perda do caráter residencial. Sobre a qualidade da paisagem urbana, nota-se o contraste dos painéis de *Aluminium Composite Material* (ACM) do shopping, com as remanescentes residências, assim como a prevalência de casas térreas em oposição ao gabarito do shopping, que aponta uma alteração do *skyline* da área. Nota-se ainda o descaso com a chaminé da já demolida fábrica da Antártica, patrimônio tombado pelo município que não é tratado com respeito na atualidade, uma vez que não tem relação alguma com o entorno. Este e outros fatos evidenciam como o shopping alterou bruscamente a dinâmica e paisagem local. Este fator reflete diretamente na construção mental da imagem coletiva para os frequentadores e moradores da área, argumento este que se apoia na ideia de Lynch (2011) quando este atesta que cada indivíduo faz vastas associações com alguma parte de sua cidade, e a imagem de cada área da cidade está impregnada de lembranças e significados, denominado de memória coletiva. A falta de cuidado com a questão histórica acabou por delegar aos dias atuais impactos que podem caracterizar-se negativos se considerarmos as colocações supracitadas Choay (2001), que aborda a questão histórica e antropológica e, analisando o contexto da área pode-se concluir que, ao “virar as costas para o patrimônio”, as gerações futuras estão sendo privadas de parte significativa da história da área e conseqüentemente da história de Bauru. Os pontos elencados estão em consonância com os pontos levantados no referencial teórico estudado, sendo eles: A) Perda do senso de pertencimento: Choay (2001) salienta sobre a importância de se manter viva a história do lugar. Percebeu-se que os usuários não se identificam mais com a área e isso interfere drasticamente em sua memória coletiva. B) Falta de segurança: Enfraquecimento dos enlaces sociais que geram a sensação de segurança no ambiente, ideia defendida por Jacobs (2011). A ausência de moradores interagindo no espaço público contribui neste aspecto. C) Mudança no fluxo viário: Ruas estreitas agora devem suportar novas linhas de ônibus circulares, e os pedestres ficam em segundo plano, já que os carros dominam as vias. De acordo com Rolnik (1994) esse ritmo das locomoções rompe barreiras e transforma territórios, e se deve à velocidade de circulação de mercadorias, pessoas e capital.

Conclusão: Ficaram evidentes os reflexos provenientes da nova dinâmica ocupacional que emergiu em detrimento da inserção do equipamento na área e a constatação de novas dinâmicas sociais e comportamentais. Os cenários futuros tendem a diminuir o impacto das alterações ocorridas e gerar uma nova forma de apropriação do espaço por parte dos frequentadores e moradores locais, por valorizarem a questão ambiental, humana e histórica da área, que acarretam qualidade ao ambiente.

Referências

BOLINI, G; COLIM, R. B. C.; LIMA, N. Z.; NUNES, M. I. S.; SANCHES, S. S. A.; SOUZA, L. N. **Estudo de segregação socioespacial no espaço urbano da Vila Antártica/Bauru SP**. Bauru, 2014. Trabalho acadêmico da disciplina Estudos Socioeconômicos e Ambientais (Graduação em Arquitetura e Urbanismo). Centro de ciências exatas e sociais aplicadas, Universidade do Sagrado Coração.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Unesp, 2001, p.11.

JACOBS, J. **Morte e vida nas grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda., 2011.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011, p.1.

ROLNIK, R. **O que é cidade**. 3. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LOJA CONCEITO: A CONTRIBUIÇÃO DA ARQUITETURA

Maria Eduarda Ribeiro Vidal¹; Ana Carolina Dias²; Paula Valeria Coiado Chamma³; Antonio Edevaldo Pampana⁴

¹Aluna de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – me.ribeirov@gmail.com;

²Aluna de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – acdias.arq@gmail.com;

³Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - arg.paulachamma@gmail.com;

⁴Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB- pampannaarquitectura@gmail.com

Grupo de trabalho: Arquitetura e Urbanismo

Palavras-chave: arquitetura, interiores, lojas conceitos, merchandising, comércio.

Introdução: No desenvolver da arquitetura nos últimos anos, a Loja Conceito tem surgido como tema emergente a ser investigado, podendo ser compreendida como uma proposta estrutural de loja que se propõe a despertar os cinco sentidos no cliente, proporcionando uma experiência vinculada à compra e à fixação da identidade da marca, buscando a fidelização do cliente através de um espaço lúdico, interativo e estimulante. O que torna o ato da compra uma experiência maior que apenas a relação produto/consumidor, há uma busca de afinidade e identidade entre a marca e seu cliente, a Loja Conceito apresenta o produto em sua verdadeira essência (JANJAR, 2010). As lojas conceitos surgem mediante a necessidade de renovação das lojas físicas mediante o aumento das compras online, o espaço deve ser atraente para motivar o cliente a se deslocar até a loja física., já que o objeto da compra não é mais o motivo de sua ida até a loja.

Objetivos: Avaliar a importância do projeto de arquitetura para o desenvolvimento das lojas conceito.

Relevância do Estudo: "As lojas e suas formas retratam o desenvolvimento da atividade comercial no tempo e no espaço, respeitando as novas formas de produção ." (ORTIGOZA, 2010). Já as lojas conceitos tem se tornado um canal direto de conhecer melhor o público alvo e oferecer um espaço interessante, interativo que busque através do prazer proporcionado por estes espaços de excelência em qualidade e tecnologia, fixar a identidade da marca com o estilo de vida do cliente. O projeto de arquitetura exercer papel fundamental para a realização destes espaços, é um projeto complexo pois demanda de equipe profissional multidisciplinar que tornam o ambiente algo sempre inovador, interessante e principalmente estimulante. Desta forma o investimento em lojas conceito tende a produzir retornos significativos para a marca como também maiores índices de satisfação do público alvo. A arquitetura destes lugares é o primeiro canal por onde toda a experiência começa, daí sua importância para a eficácia da loja conceito que hoje atinge todos os segmentos do varejo.

Materiais e métodos: Pesquisa qualitativa, descritiva, valendo-se de pesquisa bibliográfica.

Resultados e discussões: "Toda experiência comovente com a arquitetura é multissensorial" (PALLASMAA, 2011). Ao manipular cores, texturas, luz, forma, temperatura, cheiros, entre outros atributos que possam ser sentidos e interpretados de maneiras distintas, o arquiteto embute no ambiente informações sensoriais a serem descobertas (BULA & ALMEIDA, 2015). Desse modo um projeto arquitetônico intencionalmente

planejado para uma Loja Conceito deve criar a atmosfera que fará correspondência com a essência da marca e a identidade do cliente. Nesse espaço, as percepções suscitadas no usuário favorecem a conexão deste com os conteúdos do produto oferecido. Sob essa perspectiva, a estrutura física da loja perpassa suas características construtivas e passa a considerar aspectos comportamentais, essências a sua compreensão (ELALI, 1997, apud DRABIK & PEZZINI, 2014).

Conclusão: Para o desenvolvimento de Lojas Conceito torna-se necessário um profundo conhecimento das características do produto a ser comercializado, de sua identidade, seu público alvo, sua funcionalidade, aspectos físicos, entre outros, que devem ser traduzido em forma de espacialidade, atmosfera e ambientação. Munido dessas informações, o arquiteto pode planejar o ambiente, seja esse externo ou interno, a fim de direcionar os sentidos do cliente em conformidade com a marca. Assim, as experiências de compra e venda podem ser dinamizadas e potencializadas, favorecendo todos os agentes envolvidos na relação comercial.

Referências

BULA, Natalia Nakadomari; ALMEIDA, Maristela Moraes de. **Pensando o projeto a partir das sensações**. Recife: 15º ERGODESIGN - Congresso Internacional de Ergonomia e Usabilidade de Interfaces Humano-tecnologia, 2015.

DRABIK, Mariana Melani; PEZZINI, Camila. Arquitetura e psicologia: pensando no cliente como foco do ambiente. Cascavel: **Revista Thêma et Scientia**, v.4, n.1, 2014.

JANJAR, Claudia. Experiências no ponto de vendas: a construção de lojas conceito como diferencial competitivo. Porto Alegre: UFRS, 2010.

ORTIGOZA, SAG. **Paisagens do consumo**: São Paulo, Lisboa, Dubai e Seul [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 232 p. ISBN 978-85-7983-128-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele**: a arquitetura e os sentidos. Porto Alegre: Bookman, 2011.

MOBILIDADE FEMINISTA

Gabriel Rodrigues da Silva¹; Kelly Cristina Magalhães².

¹Aluno de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –

gabrsilva1994@gmail.com ;

²Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB -

kmagalha@hotmail.com.

Grupo de trabalho: ARQUITETURA E URBANISMO

Palavras-chave: Mobilidade, Feminismo, Mobilidade Urbana, Igualdade Social, Urbanismo, Arquitetura, Espaço Público.

Introdução: A lógica de produção e reprodução da cidade contemporânea não concebem as necessidades das mulheres e continuam oprimindo-as, seja no espaço doméstico, seja no espaço da cidade. O papel da mulher sempre foi de coadjuvante no processo decisório sobre a cidade, pois esse lugar foi sempre ocupado por quem realizava essas trocas e acumulava capital: era quem participava das decisões sobre os espaços urbanos, logo, homens, brancos, heterossexuais, classe média/alta. Como GONZAGA (2004) afirma “O grau de democracia de uma sociedade se mede pelo grau de participação e poder que as mulheres exercem nesta.” Dessa forma, o trabalho analisa com base da bibliografia escrita pro mulheres sobre as possibilidades de um novo desenho urbano para as cidades pela perspectiva feminista. Conforme afirma PECCINI (2016) “Duas dimensões de intervenção no espaço público – a física e a social – e são indissociáveis (a primeira sobre o que se está construído e a segunda, como as pessoas se relacionam com isso)”. Portanto, a questão indutora da pesquisa que se coloca é como é esta cidade do ponto de vista da mulher arquiteta, para então pensarmos em uma cidade e um urbanismo feminista.

Objetivos: É possível um urbanismo feminista? Analisar a bibliografia disponível sobre a relação da mulher arquiteta com o projeto da cidade para refletir sobre possibilidades do projeto na cidade contemporânea

Relevância do Estudo: A cidade, um substantivo feminino, não é um mero cenário no qual ocorreram coisas de vez em quando, mas o resultado conjunto da ação e do discurso dos diferentes setores sociais (CORTÉS, 2008). É o reflexo das manifestações de uma sociedade, local que a ideologia de um grupo se materializa. Segundo KATZ apud GONGAZA (2004), as cidades foram estruturadas em duas grandes linhas: a troca de mercadoria com o mercantilismo; e a dominação com a guerra, baseado em Pierre Clastres. É preciso um Estado e uma ocupação do território para controlar um grupo. Em suma, o espaço em que vivemos foi projetado para estabelecer e fazer manutenção do poder de um grupo social, homem, sobre outro, mulher. Enquanto o homem foi para o meio público e desenhou as cidades, a mulher ficou na casa, cuidando do lar. Papéis de gênero construídos pelo sistema patriarcal. Como FOUCAULT apud CORTÉS (2008) afirma, “o aparelho arquitetônico converte-se em uma máquina para criar e manter uma relação de poder independentemente da pessoa que o exerce”. Assim, coube a mulher a casa. Contrariando essa lógica, há de se buscar a cidade almejada por Jacobs(2000), ou seja, a “cidade como território de relações no qual cada cidadão/cidadã busca satisfazer suas necessidades e realizar seus quereres”

Materiais e métodos: O trabalho foi desenvolvido por meio de uma pesquisa bibliográfica. Em relação aos procedimentos técnicos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental.

Resultados e discussões: Atualmente, com a morte da sociedade transparente que a arquitetura moderna internacional pregava, a vivência contemporânea é de uma cidade da mercadoria, onde o espaço é pensado para o consumo. Essa cidade do consumo foi desenhada pela ótica dos homens, os detentores do poder, como escreve BETSKY apud. CORTÉS (2008), em uma cultura dominada pela masculinidade, “o imaginário do corpo masculino está em qualquer lugar, da construção fálica dos arranha-céus às construções ‘musculares’ de nossos órgãos públicos. Os papéis do Homem e seu poder se fazem reais por meio da arquitetura”. BERTH apud ITO (2017) afirma que a própria arquitetura da metrópole informa o quanto ela é masculina, as conhecidas “curvas do Niemeyer” e os prédios com formatos fálicos, objetificam a mulher e favorecem o assédio. Além disso, as histórias das arquitetas e urbanistas que atuaram na formação da cidade são apagadas. A cidade é feita por e para homens. A falta de equipamentos dificulta a realização da sua dupla ou tripla jornada de trabalho, a mobilidade que não funciona impede sua circulação pela cidade e realização de todas as suas tarefas, além dos casos de abusos e assédios das mulheres que utilizam transportes públicos, bicicleta ou a pedestre. A falta de acessibilidade prejudica o carrinho de bebê ou de feira, a segurança confina mais ainda a mulher no espaço privado por não se sentir segura, não desenvolvendo autonomia para habitar o público.

Conclusão: Um urbanismo feminista se faz necessário, pois uma cidade que fomente a autonomia feminina e diminua a desigualdade de gêneros, é difícil para a mulher se inserir em um ambiente masculino, como o da arquitetura, exemplificado por Brandt na Bauhaus. Além disso, a visão feminina de urbanismo prioriza o cuidado, convívio, importa-se com o usuário mais do que com as edificações. Entretanto, mesmo com estudos tão importantes, muitas são invisibilizadas por seus companheiros ou não recebem seu real reconhecimento.

Referências

GONZAGA, T O.. **A cidade e a arquitetura também mulher**: conceituando a metodologia de planejamento urbano e dos projetos arquitetônicos do ponto de vista de gênero. 2004. Tese de Doutorado.

CORTÉS, J. M. G.. **Políticas do espaço**: arquitetura, gênero e controle social. São Paulo: Senac, 2008.

JACOBS, J.. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000

PECCINI, I. **Cidade**: Substantivo feminino. As desigualdades de gênero e o espaço público (não) vivenciado pela mulher. Disponível em: <https://issuu.com/isabelapecchini/docs/tfg_isabela_rapizo_peccini_issuu>. Acesso em: Junho de 2017.

ITO, C. **A cidade ideal das mulheres**. Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/tpm/arquitetura-e-planejamento-urbano-a-cidade-ideal-das-mulheres?utm_source=facebook&utm_medium=tpm&utm_campaign=arquitetura-e-planejamento-urbano-a-cidade-ideal-das-mulheres>. Acesso em: Junho de 2017.

OS BENEFÍCIOS DO CULTIVO DE HORTALIÇAS EM PEQUENOS ESPAÇOS

Gabriel Rodrigues da Silva¹; Johnny Viana Paixão²; Paula Valéria Coiado Chamma³.

¹Aluno de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – gabrsilva1994@gmail.com ;

²Aluno de Agronomia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - johnny.paixao@hotmail.com;

³Professora do curso de Arquitetura e urbanismo– Faculdades Integradas de Bauru – FIB - arq.paula.chamma@gmail.com

Grupo de trabalho: ARQUITETURA

Palavras-chave: Interiores, Hortaliças, Benefícios e cultivo de hortaliças, Pequenos espaços, Hortas Urbanas.

Introdução: A produção caseira ou comunitária de hortaliças difere bastante da produção comercial. Nas hortas comerciais se cultivam poucas espécies, frequentemente uma só, com alta tecnologia, tendo em vista a máxima produtividade e o mais elevado padrão de qualidade. Na horta caseira, o que realmente interessa é o valor alimentício das hortaliças e nisso as produzidas em pequenos espaços nada perdem para os vegetais comerciais.

Objetivos: Apresentar um sistema de produção de alimentos comprometido com a saúde, ética e com a cidadania do ser humano, contribuindo para a preservação da vida e da natureza através da melhora da qualidade de vida, com base de uma terapia ocupacional, saúde fisiológica e viabilidade financeira.

Relevância do Estudo: Ao longo da história da humanidade verifica-se a existência e a importância dos pequenos espaços de cultivo nas populações urbanas, que assumem funções a nível econômico, social e ambiental. O desenvolvimento de hortas urbanas tem aumentado nos últimos anos, à semelhança de muitos países na Europa e no mundo. O contributo destas hortas na qualidade de vida e bem-estar das populações urbanas tem sido reconhecido (CUNHA J e MOURÃO L. 2013). A prática da agricultura biológica em hortas urbanas justifica-se pela necessidade de respeitar os ecossistemas e de preservá-los para as gerações futuras. Representa uma alternativa adequada de produção de alimentos, promovendo uma alimentação saudável e minimizando riscos para a saúde humana.

Materiais e métodos: O trabalho foi desenvolvido por meio de uma pesquisa aplicada e descritiva. Em relação aos procedimentos técnicos, trata - se de uma pesquisa bibliográfica e documental.

Resultados e discussões: Dos vários benefícios percebidos pelos utilizadores das hortas urbanas, destacam-se os relativos à ocupação de tempo e relaxamento e a produção de alimentos que foram considerados como sendo mais saudáveis. Estes benefícios, estão relacionados com o prazer do cultivo dos próprios alimentos e a segurança alimentar. (STIGSDOTTER e GRAHN, 2004). A satisfação pela produção e colheita dos próprios alimentos tem sido também realçada por alguns estudos (DRAPER e FREEDMAN, 2010) validando um conjunto de benefícios percebidos, associados à promoção de uma alimentação saudável e à produção de alimentos). A alteração de hábitos alimentares foi um dos pontos importantes percebidos pelos utilizadores, nomeadamente, o consumo regular de hortaliças e o consumo de produtos biológicos. DRAPER e FREEDMAN (2010) também concluíram que as melhorias nutricionais na alimentação foram um dos benefícios mais reconhecido por utilizadores de hortas urbanas.

Conclusão: A qualidade de vida é uma noção eminentemente humana, que se aproxima ao grau de satisfação encontrado na vida familiar, afetiva, social e até à própria estética existencial (MINAYO et al, 2000). A qualidade de vida é definida como a percepção que cada indivíduo tem sobre o lugar que ocupa na vida, no contexto cultural e o sistema de valores em que vive, estando relacionada com os seus objetivos, expectativas, regras e preocupações (WHOQOL, 1994).

Referências

- CUNHA J e MOURÃO L. 2013. Programa anual de atividades. In: IM Mourão e LM Brito, Horticultura Social e Terapêutica - Hortas Urbanas e Atividades com Plantas no Modo de Produção Biológico, Publindústria / Engebook, 215-307.
- DRAPER, H.S. e FREEDMAN. 2010. The economics of Green Care in Agriculture. COST 866 - Green Care in Agriculture. Loughborough University, 94 p.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; HARTZ, Zulmira Maria de Araújo ; BUSS, Paulo Marchiori. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro , v. 5, n. 1, p. 7-18, 2000
- STIGSDOTTER, U. A ; GRAHN P. (2004) A garden at your workplace may reduce stress. In: Dilani, A (ed.), Design and Health III – Health Promotion through Environmental Design, Research Centre for Design and health, Stockholm, Sweden, 147-157
- WHOQOL Group. The development of the World Health Organization quality of life assessment instrument (the WHOQOL). In: ORLEY, J.; KUYKEN, W. (Eds.). Quality of life assessment: international perspectives. Heidelberg: Springer, 1994. p.41-60.

“THE DUCK HOUSE” : UMA ANÁLISE SOBRE PROPÓSITO E DIALOGIA

Felipe Rissatto Martins Bravo¹; Juliana Cavalini Martins²;

¹Aluno de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –

feliperissattoo@gmail.com;

² Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB

juli.cavalini@gmail.com

Grupo de trabalho: ARQUITETURA E URBANISMO

Palavras-chave: arquitetura dialógica, Casa Pato, plasticidade arquitetônica

Introdução: Construída em 1931, “The Duck House” (*A Casa Pato*), localizada atualmente na região de Flanders, Long Island em Nova York, é uma grande atração visual pela sua aparência e formato de um pato. Idealizada por seus donos, Martin e Jeule Maurer e projetada pelos designers de cenografia Willian Collins e Samuel Collins, a casa servia como loja na qual patos e ovos eram vendido para os viajantes que passavam por Riverside. O casal teve a ideia da construção enquanto passeavam pela Califórnia, onde visitaram uma cafeteria no formato de um bule gigante. Posteriormente a Casa Pato foi comprada pelo dono de uma vinícola e removida para um terreno em Flanders, onde se encontra atualmente.



A Casa Pato em seu contexto ambiental
<http://www.aaqeastend.com/wp-content/uploads/2014/01/Big-Duck-Profile-189841.jpg>



A Casa Pato em seu contexto ambiental
http://weddingmapper.s3.amazonaws.com/assets/photos/11/18/186646_1.jpg



A Casa Pato sendo transportada para a vinícola.
<https://static01.nyt.com/images/2007/10/13/nyregion/colli600.jpg>

Objetivos: Analisar a forma construída da Casa Pato a fim de identificar se a obra pode ser considerada dialógica dentro do seu espaço edificado.

Relevância do Estudo: Este artigo é relevante por se tratar de um estudo de crítica de uma obra com grande qualidade plástica, mas que não estabelece dialogia com o meio atual em que está exposta.

Materiais e métodos: Trata-se de uma pesquisa descritiva, tendo como procedimentos técnicos pesquisa bibliográfica e um estudo de caso.

Resultados e discussões: O projeto da Casa Pato consiste de um gabarito de madeira e malhas de fios para formar o animal com uma camada sobreposta de cimento. A popularidade da obra é grande ainda hoje, no entanto, após sua construção, muitas críticas foram dirigidas ao projeto, devido a sua forma e outras devido aos diferentes aspectos do projeto. A ideia inicial era a de criar uma loja para facilitar as vendas de patos e ovos. Sem dúvidas a obra atendeu ao seu propósito quanto à função, porém, questiona-se a vinculação

harmônica entre a construção, o usuário e o lugar em que está inserida a casa. O projeto evidencia uma verdadeira arquitetura pelo propósito e cria um novo estilo arquitetônico que Venturi (2003) define em seu livro como “Pato”, conceituando que quando os sistemas de espaço, estrutura e programa são distorcidos por uma forma simbólica global, chamamos essa classe de edifício que se converte em escultura de “Pato”. Não se nega porém a inovação e a criatividade do projeto, entretanto a obra não dialoga com seu entorno, uma vez que dialoga, segundo Muntañola (2006) é compreender a arquitetura dentro de uma relação estética entre forma e conteúdo, e nas interações entre a arte, a ciência e a ética. Ao observarmos a obra e seu entorno, claramente percebe-se que não há harmonia com as tipologias locais, caracterizada por uma arquitetura simples e urbana. A análise da arquitetura dialógica é teorizada também por Mikhail Bakhtin, que avalia a obra a partir do lugar onde está inserida. Para Bakhtin (1990) a arquitetura dialógica é a arquitetura que completa o lugar em aspectos onde ele mesmo não pode ser completado.

Conclusão: Diante do exposto, conclui-se que, apesar de conseguir cumprir o seu propósito como uma obra “pato”, a Casa Pato não é dialógica, pois não respeita a arquitetura existente do local, está em completa desarmonia com o seu entorno, desvalorizando o ambiente em que está inserida e não atende a ideia de completar o lugar como continuação de sua paisagem.

Referências

AAQ BULLETINS RESOURCES CLASSIFIEDS. **The History of the big duck.** Disponível em : <<http://www.aaqeastend.com/contents/the-big-duck-ranch-flanders-1931/>. > Acesso em: 30/10/2018.

BAKHTIN, M. **Art and Answerability: Early Philosophical Essays by M.M. Bakhtin.** Edited by Michael Holquist and Vadim Liapunov. Austin: University of Texas Press, 1990.

CANÇADO, W. Lá vem o pato patropí...**VITRUVIUS**, mai 2002. Disponível: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.024/779>.> Acesso em: 30/10/2018.

ESPÓSITO-GALARCE, F. La dialogía como un acto de interpretación arquitectónica: Dialogy as an act of architectural interpretation. **ARQUITETURAREVISTA**. Vol. 9, n. 1, p. 37-47, jan/jun 2013. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/arquitetura/article/viewFile/arc.2013.91.04/1552>> . Acesso em: 30/10/2018.

MUNTAÑOLA, Josep. **Hacia una aproximación dialógica a la arquitectura contemporánea.** In: Revista **ARQUITECTONICS**. Mind, Land & Society. Arquitectura y Dialogia. Nº 13. Barcelona: UPC, 2006, p. 63-76

VEIGA, A.. (2007). **Lugar, Espaço e Valores: Uma Abordagem Dialógica com Vistas à Interdisciplinaridade.** Disponível em <https://www.researchgate.net/profile/Ana_Veiga3/publication/320881579_Lugar_Espaco_e_Valores_Uma_Abordagem_Dialogica_com_Vistas_a_Interdisciplinaridade/links/5a00e3614585159634c0d7b6/Lugar-Espaco-e-Valores-Uma-Abordagem-Dialogica-com-Vistas-a-Interdisciplinaridade.pdf>. Acesso em: 30/10/2018.

VENTURI, Robert; BROWN, Denise Scott; IZENOUR, Steven. Aprendendo com Las Vegas. Coleção Face Norte, volume 03. São Paulo, Cosac

UM OLHO QUE PENSA: A CULTURA VISUAL E SUA IMPORTÂNCIA NA HISTÓRIA DA ARQUITETURA

Bianca Biel Lemos¹; Bruna Mayumi Ribas Miagui²; Heitor Henrique Ferreira³; Hygor Daniel Guilherme Borges de Souza⁴; João Pedro Zanini⁵; Denise Guimarães⁶

¹Aluna de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – biblemos@gmail.com; ²Aluna de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB brunamiagui@outlook.com;

³Aluno de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – heitor_h_ferreira@hotmail.com;

⁴Aluno de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – hygorgbs@gmail.com;

⁵Aluno de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – jplzanini@live.com;

⁶Mestre em Design – UNESP, Professora no curso de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – denise_quimaraes@outlook.com

Grupo de trabalho: Arquitetura e Urbanismo

Palavras-chave: Fotografia, História, Arquitetura, Cultura Visual, Patrimônio.

Introdução: O entendimento daquilo que já foi, aquilo que é visto e aquilo que ainda será visto é resultado da técnica visual em forma de cultura e arte. A fotografia tem sua enorme importância no contexto histórico, pois, ter acesso ao passado ou, mais precisamente, a uma ideia de passado projetada para o futuro, é feita através de imagens. A arquitetura é uma forma de expressar arte, é a poesia sólida que mostra como a sociedade se comporta e pensa. Não se sabe quanto tempo as cidades irão durar, e qual a melhor forma de guardá-la na história, além de restos arqueológicos. Nesse sentido, a tecnologia é algo que nossos ancestrais possivelmente teriam usufruído; basta imaginar quantas construções magníficas e grandiosas existiram e, por fim, tiveram um triste final no decorrer do tempo. A única lembrança de sua passagem pela história ficou na mente e nos olhos daqueles que também já se foram.

Objetivos: Analisar o comportamento da sociedade em relação a capturas de imagens em centros arquitetônicos, a contribuição para a historiografia da arquitetura dedicada ao patrimônio e a documentação das transformações urbanas.

Relevância do Estudo: O propósito desse estudo é mostrar o melhor entendimento do valor documental sobre fontes visuais para se pensar a arquitetura, na sua relação com o patrimônio.

Materiais e métodos: O estudo apresentado foi realizado através de artigos brasileiros, sites de educação, sites de revistas, e livros de fotografia, colhendo informações e dados essenciais para o desenvolvimento da pesquisa.

Resultados e discussões: A relação entre a fotografia e a arquitetura no Brasil começou a ganhar força nas primeiras décadas do século XX, representando a modernidade arquitetônica brasileira (COSTA, 2016). Não apenas como registro, mas sim como instrumento a serviço da história da arquitetura e do ambiente construído. As fotografias criam um arquivo histórico, formando uma memória da cultura e da arquitetura a ser compartilhada com a sociedade e com as novas gerações, ajudando a desvendar o passado. A fotografia na arquitetura é essencial para despertar a atenção do espectador diante de cada obra, e o que ela quer transmitir. Cada obra conta uma história e, como afirma CIDADE (2006) a fotografia é poderosa, ela pode interromper o tempo e realizar uma relação com o passado e futuro de acordo com a imaginação e o olhar do observador. Também nos possibilita uma leitura sobre as transformações do espaço, direta e subjetiva pelas lentes do fotógrafo. O espaço urbano é como um campo fértil de produção onde as

imagens são criadas, mas para que aconteça a criação, é preciso entender o que se vê, como educar os nossos olhos pela cultura visual. Para Gautherot (1937), a fotografia é arquitetura e uma pessoa que não entende de arquitetura não é capaz de fazer uma boa fotografia. (SALGUEIRO, 2014). O comportamento da edificação e seu funcionamento estrutural liga o passado tombado com o presente moderno. A preservação dos bens ao destacar a documentação fotográfica ocupa um lugar especial, dessa maneira, ganham importância por testemunharem ações do passado para investigações e estudos futuros. De acordo com VERNAGLIA (2017) este tipo de fotografia requer um conhecimento sobre os estilos de arquitetura, sua história e a importância social da obra em seus períodos e em sua sociedade, pois são essas informações que farão o fotógrafo identificar o que é importante ressaltar em cada obra. O patrimônio arquitetônico resulta na interação entre pessoas e lugares através do tempo, e é um recurso importante para a identidade coletiva e para a valorização territorial a ser preservada para as gerações futuras. Portanto a fotografia se tornou a alma da arquitetura, uma se conecta a outra para nos mostrar a história vista por outros olhos. Segundo MARIA GRAVARI-BARBAS (2018), a arquitetura nem sempre é acompanhada de sensação de pertencimento, o patrimônio deriva do valor humano das pessoas, dos espaços defendidos contra forças adversas e dos espaços amados, mas quase sempre isto não acontece. Algumas vezes a fotografia serve não só para mostrar a parte artística e bela da arquitetura das cidades, mas também pode servir como crítica de descasos com o meio. A fotografia pode ajudar ao denunciar o desdém dos gestores ou mesmo de quem faz uso das cidades, através de imagens em publicações em jornais, revistas e outros meios de comunicação.

Conclusão: No auge da evolução fotográfica e da globalização, o que não faltam são registros de patrimônios e de arte, porém os mesmos não capturam a essência, a forma correta de olhar e de se aproximar. Garantir um registro documental das cidades é um importante fator para a preservação da memória urbana, sendo mais seguro realizado por um profissional, mas é da nossa responsabilidade transmitir informação a população e mostrar a importância da existência da nossa cidade, do nosso entorno e de nós mesmos. A cidade nos mostra quem somos, como nos comportamos e como vai ser a nossa população futura, com que olhos eles vão nos olhar?

Referências

COSTA; Augusto. **DA FOTOGRAFIA À CULTURA VISUAL:** arquivo fotográfico e práticas de preservação do Iphan. São Paulo: Anais do Museu Paulista, 2016.

CIDADE; Daniela. **OLHAR E MOVIMENTO:** a fotografia como prática de assimilação da arquitetura, Caxias do Sul: EDUCS, 2006.

VERNAGLIA; Armando. **A FOTOGRAFIA DE ARQUITETURA.** Site Fotografia DG, 2017. DISPONÍVEL EM: < <https://www.fotografia-dg.com/fotografia-de-arquitetura/>>. Acesso em: 13 de setembro de 2018.

SALGUEIRO; Heliana. **MARCEL GAUTHEROUT NA REVISTA MÓDULO – ENSAIOS FOTOGRÁFICOS, IMAGENS DO BRASIL:** da cultura material e imaterial à arquitetura. São Paulo: Faculdade de Arquitetura Presbiteriana Mackenzie, 2014.

GRAVARI-BARBAS; Maria. **COMO REGISTRAR AFETIVAMENTE UM PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO.** Site Cidades Educadoras, 2018. Disponível em: < <https://www.cidadeseducadoras.org.br/>>. Acesso em: 13 de setembro de 2018.